

PANORAMA EPISTEMOLÓGICO SOBRE A CRIAÇÃO DE CONCEITOS

EPISTEMOLOGICAL PANORAMA ON THE CREATION OF CONCEPTS

CATAPAM, Leandro Tadeu; Doutorando em Design; Universidade Federal do Paraná

leandrocatapam@gmail.com.br

SANTOS, Aguinaldo dos; Doutor; Universidade Federal do Paraná

asantos@ufpr.br

Resumo

Este artigo visa refletir sobre as bases filosóficas do conceito e suas relações com o campo do Design. A partir da definição de Deleuze e Guattari (2020), que concebem o conceito como um centro de vibração e uma totalidade fragmentária do conhecimento, busca-se caracterizar seus componentes, funções e objetivos para um melhor entendimento de sua aplicação no campo do Design. A revisão da literatura, centrada na Epistemologia como um ramo da Filosofia, é relevante, uma vez que o Design não desenvolve bases epistemológicas exclusivamente por meio da sua atividade. A estruturação de uma Filosofia do Design é apresentada como um desdobramento disso, promovendo a reflexão sobre o pensamento e a prática. A contribuição do artigo para a Teoria do Design visa revitalizar as conexões teóricas e conceituais do campo, preservando seus aspectos técnicos e práticos, e apresentando o conceito como uma introdução epistemológica aos aspectos filosóficos da atividade projetual.

Palavras-chave: conceito; epistemologia; design.

Abstract

This article aims to reflect on the philosophical foundations of the concept and its relations with the field of Design. Drawing from Deleuze and Guattari's (2020) definition, which conceives the concept as a center of vibration and a fragmented totality of knowledge, the goal is to characterize its components, functions, and objectives for a better understanding of its application in the field of Design. The literature review, focused on Epistemology as a branch of Philosophy, is relevant since Design does not develop epistemological bases solely through its activities. The structuring of a Philosophy of Design is presented as an outcome of this, promoting reflection on both theory and practice. The article's contribution to Design Theory aims to revitalize the theoretical and conceptual connections of the field, preserving its technical and practical aspects, and presenting the concept as an epistemological introduction to the philosophical aspects of design activity.

Keywords: concept; epistemology; design.

Introdução

A criação de conceitos é prática comum no Design e áreas criativas em geral, contudo nem sempre se conhece profundamente o que o termo conceito significa, quais são suas características, funções e objetivos. Num primeiro momento, ele se relaciona ao embasamento de intenções a se transmitir, sintetizando aspectos de interação entre um artefato de Design e seu público, por meio de palavras que traduzam a essência desta comunicação.

Valle (2008, p. 3) indica que o pensamento humano é feito de palavras que geram sentidos, resultantes da significação atribuída ao mundo em que o ser humano se insere. A autora ainda complementa que a experiência do pensar envolve seu desenvolvimento e aplicabilidade “sob a forma de uma manifestação linguística”, ou seja, com palavras e por meio delas.

Assim, busca-se elaborar a síntese do pensamento por meio de articulações de significado que traduzam sua essência. No contexto do Design, essa síntese visa transmitir diversos aspectos que qualifiquem a concretização de seus resultados diante de seus observadores.

Um exemplo desta aplicação no campo é visto em Ximenes (Imóvel Magazine, 2022) ao se referir ao trabalho do designer Patrick Afornali: “Os conceitos e os valores expressos nas criações do Estúdio Patrick Afornali são encantadores. São peças com personalidade, que conseguem unir profundidade e delicadeza ao abordar a relação entre as pessoas e seu entorno.”

Neste comentário, observa-se que o termo conceito define a identidade do trabalho do designer, sintetizando suas características, suas qualidades e valores como aspectos essenciais aos resultados de sua atividade projetual. O detalhamento descritivo menciona termos que estruturam o conceito geral da produção do designer em questão, situando aspectos intangíveis em seus resultados tangíveis, com a inserção da interação entre o artefato e as pessoas.

Estas informações em forma de conceitos são úteis ao entendimento essencial do produto de Design, contudo, ainda não revelam como foram estabelecidas pelo designer, percebidas pelos observadores e sintetizadas conceitualmente pela pessoa que analisa tal produção. Os conceitos estão presentes, são percebidos de alguma forma, codificados e traduzidos tanto pelo designer como seu público, mas ainda a sua criação, estruturação, aplicação e codificação, enquanto tradução de uma ideia, ocupa um espaço pouco reflexivo na atividade prática do campo.

Assim, o problema de pesquisa é expresso pela seguinte questão: como aprofundar as noções epistemológicas do termo conceito pode amplificar a sua aplicabilidade, otimizando a sua expressão no campo do Design?

Para tanto, a metodologia utilizada referencia o método de pesquisa básico de revisão de literatura, com enfoque na abordagem de Deleuze e Guattari (2020, p. 8), sobre a essência da Filosofia como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”, destacando-se o conceito como elemento essencial e complexo da expressão do pensamento humano e, conseqüentemente, da expressão criativa do Design.

O estudo de Valle (2008, p. 5) dialoga com esta abordagem apresentado as relações entre categorias, teorias e conceitos como expressão de como se trata “a polissemia da experiência humana.”

Esta revisão desdobra-se na análise do estudo de Beccari, Portugal e Padovani (2017), pela proposição de eixos filosóficos ao Design, compostos por conceitos que criam um cerne filosófico ao campo, auxiliando sua prática contemporânea, pautada pela multiplicidade e flexibilidade de abordagens conceituais.

A partir deste encadeamento é proposta uma discussão que relaciona as frentes investigadas com o exercício do Design, aliando a construção do conhecimento e a prática no campo por meio do termo conceito como uma introdução epistemológica aos aspectos filosóficos da atividade de projeto.

A conclusão refere-se a como a perspectiva humanista da atividade do Design pode estabelecer conexões a bases epistemológicas e, conseqüentemente filosóficas, fortalecendo sua expressão. Ainda neste sentido, a conclusão apresenta respostas ao problema de pesquisa por indicar a necessidade de investigações filosóficas que apoiem a dimensão prática do campo e como esta aproximação pode acontecer, gerando um aparato auxiliar à Teoria do Design.

Assim, o objetivo é estabelecer uma margem interdisciplinar mais clara entre o campo da Filosofia e do Design, sem alterar o contexto essencial de cada expressão do conhecimento, mas aproveitando suas convergências para o fortalecimento epistemológico de uma atividade de perfil predominantemente prático.

1 A perspectiva epistemológica sobre os conceitos

O uso da perspectiva de Deleuze e Guattari (2020) torna-se útil ao entendimento do termo conceito por detalhar seus elementos estruturais e características essenciais. Sendo assim, esta abordagem apresenta os conceitos como propulsores da formação do conhecimento, enfatizando o caráter epistemológico do estudo.

Inicialmente, os autores enfocam a questão sobre os conceitos serem de várias naturezas e com materialidade não necessariamente tangível, tendo a sua criação sob a ótica específica da Filosofia. Para os autores, apesar das ciências e das artes serem atividades criadoras, a Filosofia é a que possui a incumbência dessa criação, no sentido mais rigoroso do termo conceito (Deleuze; Guattari, 2020).

Para delinear aspectos desta natureza, os autores partem de exemplos que se configuram por meio de personagens conceituais como apoio à invenção, coesão e força de um conceito, bem como a análise da inconsistência, arbitrariedade e inviabilidade essencial. Esta noção de polos de aspectos positivos e negativos converge com a abordagem de Valle (2008, p. 2) em que a experiência do pensar com palavras pode também assumir “o pensar contra as palavras,” entendendo o conceito como uma forma de expressão do pensamento aliada a uma oportunidade de criação.

Ainda no que concerne ao uso de personagens para a definição de conceitos Deleuze e Guattari (2020, p. 8) comentam sobre como se dá esta relação:

Os conceitos, como veremos, têm necessidade de personagens conceituais que contribuam para sua definição. *Amigo* é um desses personagens, do qual se diz mesmo que ele testemunha a favor de uma origem grega da filosofia: as outras civilizações tinham Sábios, mas os gregos apresentam esses ‘amigos’ que não são simplesmente sábios mais modestos.

O conceito como algo que testemunha em favor de algo é uma abordagem interessante no que concerne ao Design, visto que a dimensão conceitual visa exatamente isso, ou seja, dar apoio ao entendimento do artefato. Para Deleuze e Guattari (2020) a maneira de enunciar e encadear ideias, sempre com o pensamento de que alguém possa fazer uso desse instrumento que, essencialmente, serve para facilitar a aquisição de um conhecimento, dá à experiência conceitual um perfil epistemológico.

Sendo a filosofia definida como o “conhecimento por puros conceitos” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 13), é permitido que se possa conhecer algo por meio deles. O filósofo é, neste sentido, o

criador inicial do caminho em direção ao saber, devendo estar atento às mudanças e exigências de renovação que um conceito possa exigir. Adequações e revisões tornam-se necessárias, atualizando as formas de obtenção do conhecimento mediante conceitos, o que estabelece uma flexibilidade estrutural que se ajusta às condições de emissão e recepção.

Valle (2008, p. 3) pontua que “o pensamento depende, em particular, do ‘outro’ a quem ele se endereça”, o que justifica as adequações e ajustes necessários à transmissão da informação. Assim, a autora refere-se a como a noção de categoria e conceito é voltada aos limites do nosso falar e pensar em relação à realidade.

Desta forma, os conceitos funcionam como recortes direcionados ao que se quer sintetizar e transmitir. Mesmo assim, para Deleuze e Guattari (2020, p. 31) algumas formas de ideação, como o pensamento científico, não são dependentes da criação de conceitos por trabalharem com proposições¹, “definidas por sua referência e relação a um estado de coisas”. Assim, quando se enfoca o conceito sob o viés da Filosofia, nota-se que essa operação criadora sempre é essencialmente filosófica, independente da área específica (Deleuze; Guattari, 2020).

Haja vista tal compreensão, mesmo quando se estabelece conceitos em outras áreas a ação assume um teor filosófico, pela essência dessa criação. Contudo, os autores observam a banalização do termo e ressentem a não seriedade em relação aos conceitos e sua importância, conforme abaixo:

Enfim, o fundo do poço da vergonha foi atingido quando a informática, o marketing, o design, a publicidade, todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os conceituadores (Deleuze; Guattari, 2020, p. 17).

Neste sentido, este estudo visa minimizar tal problemática, apresentando aspectos que aprofundem o ato de gerar conceitos, associando-o ao fazer filosófico. Assim, ao se estudar como se cria um conceito, é importante que o contexto filosófico esteja presente, como forma de reparar a apropriação inevitável do termo, sem a adequada conscientização dos seus processos.

Dentro deste viés, se faz necessário pontuar que a caracterização de um conceito requer o estudo de seus componentes. No enfoque de Deleuze e Guattari (2020), devem ser considerados três passos para esta caracterização dos componentes, sendo o primeiro a identificação de que um conceito em formação se refere a outros conceitos existentes, tanto historicamente quanto nas suas conexões atuais, ou seja, um conceito é uma totalidade composta por partes oriundas de diversos contextos nem sempre correlatos: “os conceitos, como totalidades fragmentárias, não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça, pois seus contornos irregulares não se correspondem” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 31).

Assim, uma primeira ação na caracterização conceitual é a identificação de suas redes relacionais, tanto as que se comunicam como as que estabelecem diferença paradoxal. Em seguida, os autores mencionam que é preciso definir a sua “endoconsistência”, ou seja, a identificação dos componentes diversos e heterogêneos que fazem parte dele e que são indissociáveis, mesmo que individualmente apresentem distinção entre eles (Deleuze; Guattari, 2020, p. 27).

A definição do que está necessariamente se relacionando ou não na mesma estrutura

¹ “Enfim, o conceito não é discursivo, e a filosofia não é uma formação discursiva, porque não encadeia proposições. É a confusão do conceito com a proposição que faz acreditar na existência de conceitos científicos, e que considera a proposição como uma verdadeira ‘intensão’ (o que a frase exprime): então o conceito filosófico só aparece, quase sempre, como uma proposição despida de sentido.” (Deleuze; Guattari, 2020, p.30)

conceitual faz parte de sua caracterização e, dito de outro modo, é perceber o que ocupa o mesmo espaço apesar de não ser da mesma natureza ou sentido.

Num terceiro passo, o conceito como um todo é “a condensação ou acumulação de seus componentes” (Deleuze; Guattari, 2020, p. 28), servindo de base a se percorrer por entre eles, reafirmando a sua natureza singular. Desta forma, isso é denominado pelos autores como um “traço intensivo”, que se desenvolve pelas zonas de vizinhança:

Um conceito é uma heterogênesse, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança. É ordinal, uma *intensão* presente em todos os traços que o compõem. Não cessando de percorrê-los segundo uma ordem sem distância, o conceito está em estado de *sobrevoos*, com relação a seus componentes (Deleuze; Guattari, 2020, p. 29).

O quadro seguinte sintetiza a ordenação geral dos componentes do conceito (Quadro 1).

Quadro 1 - Ordenação geral dos componentes do conceito

1º	Relação a outros conceitos existentes
2º	Identificação dos componentes diversos e heterogêneos
3º	Condensação dos componente e análise das zonas de vizinhança

Fonte: os autores (2022) a partir de Deleuze e Guattari (2020, p. 27-28)

Com os três passos aqui apresentados, visualiza-se como os componentes de um conceito precisam ser definidos e como se dá a estruturação de sua natureza. A complexidade da criação reside nessa definição de componentes que o torna absoluto e relativo, ao mesmo tempo:

[...] relativo a seus próprios componentes aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe que deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema (Deleuze; Guattari, 2020, p. 29).

Neste tópico, estudou-se como a perspectiva epistemológica dos conceitos torna-se essencial quando observa-se a sua importância, ou seja, como se dá o conhecimento por eles viabilizado. A definição de conceitos como “centros de vibração” que ressoam entre si, como “totalidade fragmentárias”, indicadas por Deleuze e Guattari (2020, p.31), demonstram que seu ato de criação é complexo, múltiplo e diversificado, mesmo que seu objetivo seja a universalização.

Neste sentido, Valle (2008, p. 13) pontua que as categorias e os conceitos são nossos instrumentos de pensar e que o que os difere é a capacidade universalizante pois, “os conceitos têm a função de unificar um número indefinido de objetos ou fenômenos em um conjunto, tornando-os inteligíveis às pessoas.” Enquanto as categorias são classificatórias e referentes aos limites de cada coisa, os conceitos trazem a heterogeneidade como principal traço, absorvendo e organizando a realidade em recorte (Valle, 2008).

Desta maneira, o entendimento efetivo de como um conceito se configura por meio de definições e componentes torna-se um passo essencial para entendê-lo como parte introdutória ao entendimento da dimensão filosófica da atividade do Design. O próximo tópico apresenta a revisão de um estudo de instrumentalização de aspectos filosóficos no Design e como isto se relaciona ao perfil epistemológico do conceito aplicado ao campo.

2 As possibilidades de uma filosofia do Design

Este tópico apresenta a revisão do estudo de Beccari, Portugal e Padovani (2017) sobre a estruturação de uma Filosofia do Design como uma necessidade ao contexto da área, composto por bases epistemológicas de campos paralelos.

A busca por um cerne filosófico, que auxilie em reconhecer o perfil múltiplo do Design é expressa pelos autores: “[...] com a crescente consolidação nacional e internacional do Design enquanto campo de pesquisa, notamos a recorrência de conceitos filosóficos apresentados como parte da fundamentação teórica de muitas pesquisas em Design” (Beccari, Portugal e Padovani, 2017, p. 14).

Ainda neste sentido, eles constatarem um grande interesse filosófico ligado ao Design, o que justifica a proposição de eixos que auxiliem na percepção desta temática no campo. Ao analisar os estudos de Love (2000; 2002), Friedman (2000; 2003) e Galle (2008)², os autores buscam sistematizar um corpo teórico ao Design por meio da Filosofia, enquanto perspectiva humanística.

Ao propor uma filosofia do Design, enfim, nosso intuito é abrir cortes transversais entre o Design, a Filosofia e outros campos de expressão criativa. O objetivo é olhar para o Design a partir de diferentes ângulos, produzindo um pensamento complexo, múltiplo (BECCARI; PORTUGAL; PADOVANI, 2017, p. 16).

Na abordagem de Love (2000; 2002) destaca-se o “pensar sobre o pensar”, em Friedman (2000; 2003) o problema da inconsistência filosófica do fazer teórico no Design e em Galle (2008) a criação de uma base teórica consistente ao campo. Nestes três destaques, Beccari, Portugal e Padovani (2017, p. 30) indicam a potencialidade de uma Filosofia do Design, figurando “como uma espécie de ‘engrenagem’ de uma expressão filosófica criativa”.

Como o Design dedica-se à solução de problemas ou inadequações entre o humano e seu entorno, é perceptível a relação disto à abordagem de Deleuze e Guattari (2020) em que o conceito funciona como um aparato ativador de reflexões, não necessariamente como um conjunto de regras e parâmetros que ao serem utilizados levam a um resultado conhecido. Assim, é importante ressaltar que o estudo de Beccari, Portugal e Padovani (2017) não tem a pretensão de situar o Design como um subcampo da Filosofia, nem tampouco criar técnicas aplicadas, mas sim, visualizar o Design sob uma perspectiva diferente, baseada na sua multiplicidade enquanto atividade humanística.

Para o campo do Design isto é importante, pois não se espera que ele opere apenas como uma prescrição aplicada às situações problema, mas que, por outro lado, pertença ao campo das heurísticas, ou seja, da esfera das descobertas e das tentativas não racionalizadas.

A abordagem do termo heurística aqui utilizada, baseia-se nas definições de Oviedo e Czeresnia (2015) em que é percebida a ideia de encontro e descoberta na sua raiz etimológica, assim como na palavra *eureka*. Em complemento, se faz pertinente a abordagem dos autores sobre o valor heurístico de algo “como a sua capacidade de iluminar campos, a seu valor, descobridor e inovador” (Oviedo; Czeresnia, 2015, p. 238).

Ainda no que diz respeito ao diálogo entre a Filosofia e o Design, o estudo de Beccari, Portugal e Padovani (2017) apresenta *frameworks* reflexivos para estabelecer uma margem interdisciplinar mais nítida entre os dois campos. A ideia de *framework* é aqui qualificada como um conjunto de “perspectivas possíveis por meio das quais reflexões atreladas ao Design podem assumir um caráter filosófico” (Beccari; Portugal; Padovani, 2017, p. 14).

Uma de tais perspectivas aqui propostas é a dimensão epistemológica do conceito e, como

² Designers pioneiros nesta proposta pelas colaborações no periódico *Design Studies*, no final de 1990.

já citado, a dificuldade dessa tarefa é identificada pelos autores como a prática incomum do campo do Design em desenvolver teorias fundamentadas fora de seu aspecto prático.

Assim sendo, os recursos filosóficos podem servir de base para a organização de um conjunto teórico mais coeso (Beccari; Portugal; Padovani, 2017) e, no que tange ao presente estudo, observa-se que o conceito pode ser uma introdução para tal organização aplicada ao Design.

Para esta compreensão, é pertinente analisar os seis eixos filosóficos propostos pelo estudo de Beccari, Portugal e Padovani (2017), definidos pelos autores como Design e linguagem, Design e sensibilidade, Design e valores, Design e conhecimento, Design e realidade e Design e cultura. O próximo quadro organiza as definições de cada eixo, para uma melhor visualização (Quadro 2).

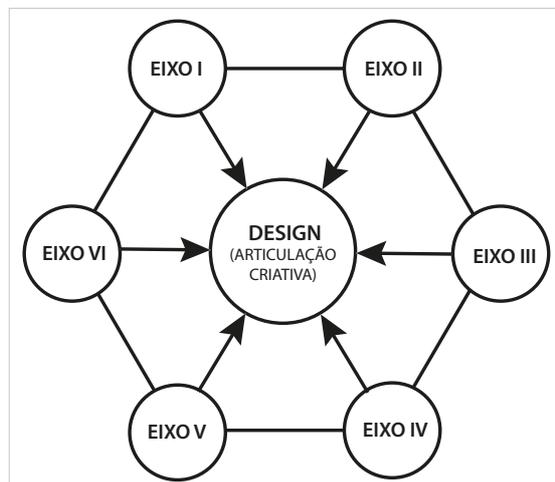
Quadro 2 - Eixos reflexivos entre o Design e a Filosofia

Eixo 1: Design e linguagem	O Design como um articulador de significados. Questões ligadas a uma gramática visual, a particularidades do modo de significação icônico ou a sistemas de significação dos objetos.
Eixo 2: Design e sensibilidade	O Design como um articulador de afetos. Questões ligadas à percepção da beleza, à apreciação sensível de objetos e imagens e aos afetos envolvidos na criação de objetos e imagens.
Eixo 3: Design e valores	O Design como um articulador de valores. Questões ligadas à relação entre orientações projetuais e orientações éticas ou às relações entre tecnologia, estilo e moralidade.
Eixo 4: Design e conhecimento	O Design como uma forma de saber/conhecer. Questões ligadas aos modos de conhecer do designer e às relações entre o saber científico e o saber específico do Design.
Eixo 5: Design e realidade	O Design como um articulador de realidades. Questões ligadas ao design daquilo que comumente encaramos como a realidade, ou à possibilidade de intervir nela por meio do Design.
Eixo 6: Design e cultura	O Design encarado como produto sociocultural. Questões ligadas ao desenvolvimento cultural de regimes de percepção, à relação entre formas de projetar e conjunturas econômicas ou entre as fronteiras culturalmente estabelecidas entre Design e Arte ou Design e Engenharia.

Fonte: os autores (2023), a partir de Beccari, Portugal e Padovani (p. 18, 2017)

A singularidade das definições em eixos é que todos eles se relacionam por meio do Design enquanto articulação criadora, conforme a representação gráfica de síntese abaixo (Figura 1).

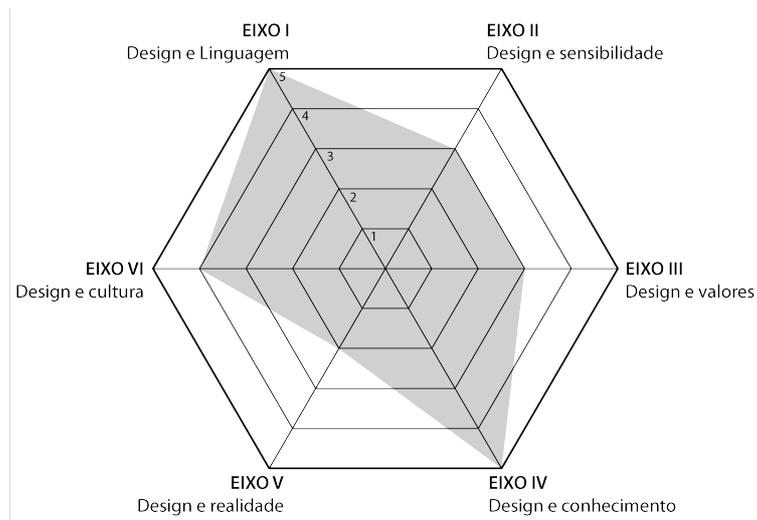
Figura 1 - Representação da relação entre os seis eixos reflexivos



Fonte: Beccari, Portugal e Padovani (p. 19, 2017)

A aplicabilidade sistemática proposta pelos autores, ainda conta com uma matriz que possibilita o enquadramento de enfoques de pesquisas por meio de frentes filosóficas, permitindo aproximações entre os eixos e facilitando a compreensão do escopo do estudo e suas sobreposições. Composta de uma escala de zero a cinco (zero no centro e cinco na área referente ao nome do eixo) é representada a pertinência de cada eixo em relação ao tema, por meio de elementos gráficos, conforme a simulação de uso da próxima figura (Figura 2).

Figura 2 - Matriz simulada para enquadramento da pesquisa aos eixos filosóficos



Fonte: os autores (2023), a partir de Beccari, Portugal e Padovani (2017)

Relacionando esta instrumentalização à epistemologia dos conceitos, explorada no tópico anterior, nota-se que a identificação nos eixos auxilia a ordenação geral dos componentes conceituais apresentada no Quadro 1, ressaltando o aspecto das relações entre o que já existe, a heterogeneidade estrutural e as zonas de vizinhança dentre as abordagens.

A proposta de eixos filosóficos ao Design se integra à epistemologia dos conceitos aplicados ao campo, por criar espaços reflexivos aos enfoques tanto práticos como teóricos, aproximando-os enquanto expressão e articulação criativa.

3 Discussão

As noções sobre conceito e seus aspectos epistemológicos demonstram que há muitos detalhes a se refletir sobre o termo do que a simples aplicação em dimensões descritivas do projeto, pois sua presença pode se dar também no embasamento imersivo das situações problema a que o Design se dedica. A consciência e aplicação de um conceito por meio de componentes bem definidos e que estimulam o pensamento e a reflexão sobre as bases do resultado prático, fortalece a dimensão estrutural do projeto e, conseqüentemente, direciona as tomadas de decisão.

Além de que delineiam aspectos filosóficos que são elaborados por meio de caracterizações conceituais que visam encorpar o impacto do resultado projetual. Assim, percebe-se que no campo do Design a atividade prática não é distante das construções teóricas e que, tal convergência, é promissora em suas concretizações.

Assim, não se trata de estabelecer conceitos e dimensões filosóficas como uma maneira de aumentar a complexidade da tarefa projetual ou de apenas descrevê-la, mas antes, de utilizar tais aspectos como forma de criação e expressão da diversidade de artefatos no Design.

Conforme Valle (2012) salienta, um conceito traz a possibilidade de unificar um número múltiplo de fenômenos num conjunto, e, ao considerarmos o resultado do projeto de Design como uma síntese de dimensões práticas, técnicas e reflexivas, nota-se como o perfil filosófico da atividade é inerente.

A revisão de como os conceitos, enquanto instrumentalização filosófica do pensamento, contribuem diretamente em como a atividade no campo do Design é exercida, aproxima seus resultados dentro de um processo composto de forma híbrida, multidisciplinar e, conseqüentemente, com maior abrangência.

Tal constatação reforça a necessidade de uma Filosofia do Design, não com a intenção de apropriação indevida e superficial do campo, mas antes como a possibilidade de visualizá-lo sob uma nova perspectiva, principalmente pela diversidade de expressão que a atividade apresenta contemporaneamente. Assim, não se trata de explorar técnicas aplicadas, nem tampouco adaptá-las sob o viés do Design, mas observar como as dimensões filosóficas como a da epistemologia pode acrescentar profundidade às ações práticas do campo.

Isto se alinha às concepções de Design que não apenas enquadram a atividade como linguagem e relativa às visualidades. Conseqüentemente, aproxima a investigação do escopo da Teoria do Design, evidenciando a importância do caráter pluralista nas investigações do campo, como indicado por Buchanan (1992) e suas considerações sobre a definição de Design e o surgimento de uma proto-filosofia neste contexto. Observa-se que este enfoque não é novo, o que deixa claro que esta necessidade sempre está presente, acompanhando as transformações e evoluções socioculturais e seu impacto nos modos de fazer Design.

Assim, a investigação aqui proposta se apresenta como uma contribuição e funciona como um elemento auxiliar à Teoria do Design, por apresentar possibilidades de como ele pode ser feito, remontando aos estudos de Buchanan (1985) sobre a caracterização desta atividade.

Com este panorama, percebe-se que o estudo do termo conceito se apresenta como uma oportunidade de introdução aos aspectos filosóficos do campo do Design, conciliando elementos da Teoria do Design para uma formação de uma Filosofia do Design, em constante movimento de elaboração. O estudo dos aspectos filosóficos gerais e específicos na epistemologia do conceito se demonstram pertinentes à reflexão neste sentido.

4 Conclusão

A perspectiva humanista da atividade do Design pode estabelecer conexões a bases epistemológicas e, conseqüentemente filosóficas, fortalecendo sua expressão. Em relação ao problema de pesquisa aqui proposto, observa-se que deve acontecer um movimento constante no que diz respeito às investigações filosóficas que apoiem a dimensão prática do campo, atualizando aspectos concernentes ao desenvolvimento da Teoria do Design.

Assim, ao se estabelecer uma margem interdisciplinar mais clara entre o campo da Filosofia e do Design, sem alterar o contexto essencial de cada expressão do conhecimento, aproveita-se suas convergências ao fortalecimento epistemológico de uma atividade de perfil predominantemente prático. Apesar de agregar conhecimento baseado em teorias e métodos já estruturados no campo, ainda existe um componente empírico na atividade do Design que torna

complexo o registro de seus processos e formas de execução, tanto em sua dimensão prática como em seu contexto acadêmico de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a aproximação aos aspectos de outras áreas é recorrente e, frequentemente, analisado criticamente se isto descaracteriza ou não as abordagens de origem, deturpando sua essência e aplicabilidade.

Neste enfoque, a proposta deste estudo foi demonstrar que, com formas adequadas de abordagem, é possível propor uma aproximação da dimensão conceitual e filosófica do pensamento como um viés instrumental de apoio que conduza a atividade do projeto de Design. Pensar a Filosofia do Design como um elemento propulsor da elaboração de conceitos busca, justamente, valorizar e dar relevância a tais aspectos que, muitas vezes, são superficiais ou apenas servem para causar a impressão de algo complexo, como uma espécie de protocolo de profundidade para um resultado.

Ao se aprofundar as frentes conceituais e filosóficas de projeto, pode-se obter resultados tão importantes quanto os de técnicas, processos e aplicações prática. Nessa perspectiva, o principal fundamento desta abordagem é revitalizar as conexões teóricas e conceituais do Design, preservando os aspectos técnicos e práticos da atividade projetual, por meio da configuração de uma Filosofia do Design abrangente e aplicada ao campo.

Evitando a apropriação indevida e que pode deturpar os contextos originais de cada expressão do conhecimento, o estudo epistemológico dos conceitos, como um possível desdobramento formativo a uma Filosofia do Design, demonstra que isto pode se configurar como um caminho introdutório para a aproximação entre campos do saber e conhecer.

Além do fortalecimento à Teoria do Design enquanto campo científico, construído de maneira coesa e, ao mesmo tempo, interdisciplinar, este tipo de investigação permite atualizações e revisões de práticas e embasamentos teóricos que mantém o perfil dinâmico do campo. Mesmo que isto seja complexo numa atividade extremamente definida pelos contextos socioculturais diversos e múltiplos do mundo contemporâneo, o hábito deste tipo de estudo no contexto do Design propicia uma amplificação de seus limites, estabelecendo diálogos que solidificam o seu perfil enquanto produção de conhecimento.

O *framework* reflexivo aqui proposto segue a concepção de um filtro, uma perspectiva associada a um modo de ver, assim como no estudo supracitado de Beccari, Portugal e Padovani (2017) e, ao invés de estabelecer parâmetros estáticos, fornece caminhos para o desenvolvimento de uma atividade de pensamento associada à complexidade prática do fazer Design.

Para possíveis desdobramentos deste estudo, espera-se que ele possa se manter como elemento inspiracional e, ao mesmo tempo, exemplificar uma dentre inúmeras formas de aproximação entre o campo do Design, a Filosofia e demais campos que possam gerar trocas abrangentes entre seus aspectos essenciais, elevando a construção do conhecimento como um todo por meio de ações revitalizantes, atualizadas e conscientes na aplicação de tais aproximações.

5 Referências

BECCARI, M.; PORTUGAL, D. B.; PADOVANI, S. Seis eixos para uma filosofia do design. **Estudos em Design**, v. 25, n. 1, p. 12-32, 2017.

BUCHANAN, R. Declaration by Design: Rhetoric, Argument, and Demonstration in Design Practice (1985). **Design Issues**, vol. 2, no. 1, p. 4-22, 1985.

_____. Wicked Problems in Design Thinking. **Design Issues**, v. 8, n. 2, p. 5-21, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2020.

FRIEDMAN, K. Design Knowledge: Context, Content and Continuity. In: DURLING, D.; FRIEDMAN, K. (eds.) **Proceedings of the Conference Doctoral Education in Design: Foundations for the Future.** Staff ordshire University Press, U.K., 2000.

_____. Theory construction in design research: criteria: approaches and methods. **Design Studies**, v. 24, 2003, p. 507-522.

GALLE, P. Candidate worldviews for design theory. **Design Studies**, v. 29, n. 3, 2008, p. 267-303.

LOVE, T. Philosophy of Design: A Meta-theoretical Structure for Design Theory. **Design Studies**, v. 21, 2000, p. 293-313.

_____. Constructing a coherent cross-disciplinary body of theory about designing and designs: some philosophical issues. **Design Studies**, v. 23, 2002, p. 345–361.

OVIEDO, R. A. M.; CZERESNIA, D. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 237-250, 2015.

VALLE, L. do. Categoria, teoria, conceito (para dizer o ser em múltiplos sentidos). **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, p. 303-320, 2008.

XIMENES, M. Muma fecha acordo com designer Patrick Afornali, especialista em interação entre as pessoas e a natureza. **Imóvel magazine**, 2022. Disponível em <<https://www.imovelmagazine.com.br/estilo/muma-fecha-acordo-com-designer-patrick-afornali-especialista-em-interacao-entre-as-pessoas-e-a-natureza/>>